



Arquivo: 93

Miguel Dahl
Prof. Miguel Dahl
Coordenador do Curso de Especialização
em Planejamento e Gestão do Turismo
UFPR - Matric. 09535

HUDSON HENRIQUE HATSBACH

**POTENCIAL TURÍSTICO DA
CHÁCARA TINIARA – MANDIRITUBA – PR**

**CURITIBA
1999**

**POTENCIAL TURÍSTICO DA
CHÁCARA TINIARA – MANDIRITUBA - PR**

Monografia apresentada para obtenção do título de Especialista no Curso de Pós-Graduação em Planejamento e Gestão do Turismo, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Marlene Huebes Novaes

**CURITIBA
1999**

AGRADECIMENTOS

à Profa. Marlene pela dedicação e empenho
ao Prof. Miguel pelo incentivo
à Profa. Maria do Carmo pela presteza
a Maria Celestina e funcionários pela receptividade
a Vera Lúcia pelas palavras certas
a Mary e Paulo pela disponibilidade

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	ii
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	v
RESUMO	vi
ABSTRACT	vii
1 INTRODUÇÃO	01
2 O TURISMO RURAL	04
2.1 CONCEITOS E MODALIDADES	04
2.2 QUESTÕES AMBIENTAIS	10
2.3 AGROTURISMO E SEGMENTAÇÃO	12
2.4 POLÍTICAS DE TURISMO	17
3 PERFIL DA PROPRIEDADE	20
3.1 CARACTERÍSTICAS	20
3.2 PRODUÇÃO	23
3.3 FILOSOFIA DE TRABALHO	26
3.4 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA	29
3.5 POTENCIALIDADES E SUGESTÕES	31
4 CONCLUSÃO	34
ANEXO 1 DIRETRIZES DO INSTITUTO BIODINÂMICO – INTRODUÇÃO	36

ANEXO 2 AGRICULTURA ORGÂNICA ARTIGO	38
ANEXO 3 “FOLDER” FEIRA VERDE	40
ANEXO 4 MAPA DA REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA	42
ANEXO 5 CROQUIS DE ACESSO À CHÁCARA	44
ANEXO 6 “LAYOUT” DA CHÁCARA TINIARA	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

1 Habitação	21
2 Vista parcial – construções	22
3 Morangueiros	23
4 Milharal.....	24
5 Pimentões	25
6 Barracão para aves	26
7 Área de cultivo (parcial) alface	27
8 Área de vegetação preservada – (ao fundo)	32

RESUMO

Este estudo teve-se prioritariamente à verificação do potencial turístico da *Chácara Tiniara*, localizada no município de Mandirituba-PR, acerca de 50 km de Curitiba. Focou-se na identificação de aspectos relevantes que possibilitassem a criação de um produto turístico diferenciado. Avaliou-se o grau de envolvimento da proprietária e funcionários junto à proposta de uma atividade turística no meio rural. Efetuou-se uma revisão de literatura nas áreas de: turismo rural, agroturismo e agricultura orgânica. A presente pesquisa apoiou-se nestas áreas de estudo para atender a diversidade exigida pelo processo exploratório aplicado. A coleta de dados foi implementada através de entrevistas, levantamento da infra-estrutura existente, elaboração de **layout** e documentação fotográfica. A adoção de uma atividade turística nesta propriedade visaria contemplar um público urbano em potencial que demanda uma forma alternativa de lazer. Esta atividade enquadrar-se-ia em agroturismo pela agricultura orgânica envolvendo uma reeducação no que se refere à alimentação mais saudável unida à tranquilidade do campo.

ABSTRACT

This study had the priority to verifying the touristic potential of the *Tiniara's small farm*, located in Mandirituba, Paraná State about 50 kilometers (31.2 miles) from Curitiba. The study's focus was on the identification of relevant aspects that could make possible the creation of a differentiated touristic product. The level of involvement among the owner and the employees associated to the proposal of activity in a rural environment was assessed. A literature review was done in areas such as: rural tourism, agricultural tourism and organic agriculture. The present research leant on these areas to attend to the diversity demanded on this applied exploratory process. The data collection was implemented through interviews, existing infrastructure survey, layout elaboration, and photographic documentation. The adoption of a touristic activity in this property would contemplate a potential urban public demanding for an alternative way of leisure. This activity would fit in the agricultural tourism due to the organic agriculture that involves reeducation on a healthier diet combined to the country life's tranquility.

1 INTRODUÇÃO

A atividade turística no meio rural tem se constituído em alternativa interessante para as propriedades brasileiras.

Para o proprietário rural existe a possibilidade de ampliar as atividades produtivas, criar novas fontes de renda, reciclar os seus empregados e ainda conter o êxodo de trabalhadores, principalmente quando se observa que famílias inteiras trabalham em uma mesma propriedade e residem próximo constituindo núcleos ou comunidades envolvidas com a região. Valorizar esta mão-de-obra significa preservação de hábitos e costumes e garantia de empenho nas diversas atividades desenvolvidas.

Num momento em que as fronteiras econômicas e comerciais se anulam e a padronização de produtos é uma constante, o turismo no meio rural se mostra como uma boa alternativa de diferenciação dos mesmos. É um produto único, gerado no local, com características próprias e muito criativo.

O espaço rural brasileiro se alterou muito nas duas últimas décadas, em função de atividades, antes urbanas, agora se mostrarem comuns substituindo atividades essencialmente agrícolas. Estas se complementam, gerando serviços, indústrias de transformação e comércio específico alterando inclusive o perfil do trabalhador que, mesmo residindo no campo, tem outra atividade principal em lugar da agrícola, como trabalhadores domésticos, pedreiros, professores de primeiro grau, balconistas e autônomos em geral (CAMPANHOLA; GRAZIANO DA SILVA, 1999, p. 11).

O homem urbano, hoje vítima de sobrecargas estressantes e com necessidade de repor energias, constitui-se em público alvo mais que potencial para

desfrutar de atividades ligadas ao meio rural. É um consumidor diferenciado, que busca atenção e quer trocar informações e conhecimento. Vê o ambiente rural como uma oportunidade de crescimento e lazer.

A prática da *agricultura orgânica* (vide anexo) desenvolvida na propriedade foi um dos fatores determinantes na definição desta pesquisa. Por ser um cultivo que busca métodos alternativos durante o processo, evita o uso de agrotóxicos, utiliza mais mão-de-obra e visa melhoria na qualidade de vida de produtores e consumidores, entre outros, pode ser visto como um produto turístico com diferenciais a serem explorados. Como já existe um mercado consumidor fiel e um potencial a ser conquistado, é possível pensar em um futuro promissor para as propriedades rurais que fazem uso desta forma de trabalho.

Como a propriedade está localizada a 50 km de Curitiba, no município de Mandirituba - PR a proximidade de um grande centro favorece a idéia da visitação em pequenos fluxos e curta duração, a princípio mais adequada às características gerais do empreendimento.

Este estudo tem como objetivo principal identificar a potencialidade turística da *Chácara Tiniara*, para o desenvolvimento das atividades vinculadas ao *Turismo Rural*, visando uma melhor utilização da área produtiva bem como a melhoria dos recursos humanos e materiais.

Em um segundo momento, busca-se diagnosticar o grau de conhecimento e expectativa do proprietário e dos empregados em relação à atividade turística. Também analisar as possibilidades de desenvolver novas atividades produtivas na chácara, e ainda detectar pontos interessantes para elaboração de um produto turístico diferenciado. A implantação de um projeto turístico no local caracteriza-se como inovadora, frente à pouca atividade turística organizada em funcionamento na região.

A presente pesquisa será abordada em dois grandes blocos, sendo o primeiro sobre as concepções do Turismo, enquanto o seguinte tratará do perfil da referida propriedade.

Assim, na primeira parte serão tratadas as questões teóricas do Turismo, do ponto de vista geral e, em seguida, descritas as diversas formas de turismo onde se incluem o *Turismo Rural* (DOMINGUES, 1990, p. 280) e o *Agroturismo* (PIRES, 1998, p.51), modalidades que mais se adequam à *Chácara Tiniara*.

Com este detalhamento, busca-se delinear o perfil da propriedade, bem como esclarecer o leitor sobre as várias atividades semelhantes que são desenvolvidas no ambiente rural, muitas vezes tomadas como *Ecoturismo* (PIRES, 1998, p. 51).

Na seqüência o assunto será meio ambiente e turismo, embasado por colocações de alguns pesquisadores.

O Agroturismo será tratado em seguida, onde se pretende demonstrar o atual estágio desta modalidade no Brasil e a segmentação de mercado.

Para encerrar esta primeira parte, serão apresentadas as orientações dos órgãos oficiais ligados ao turismo rural.

A parte seguinte tratará do perfil da propriedade, onde estarão descritos itens relevantes como a localização e estrutura, detalhes de produção, a filosofia de trabalho e os aspectos que poderão ser utilizados como base de um produto turístico.

A modalidade de pesquisa foi a interdisciplinar, em função das diversas áreas e fatores que influenciam a atividade turística, agregada a outras variáveis, quando no espaço rural.

Como busca-se comprovar a proposta de viabilidade turística para a propriedade, os estudos se caracterizam como exploratórios, em função da literatura disponível.

Após o levantamento bibliográfico, as pesquisas se desenvolveram na propriedade, onde foi executado um levantamento do atual estágio das instalações e do sistema produtivo e entrevistas que serão relatadas oportunamente.

2 O TURISMO RURAL

2.1 CONCEITOS E MODALIDADES

Com a finalidade de apresentar as conceituações do *Turismo Rural*, optou-se por iniciar este trabalho com uma visão holística da atividade turística.

O Turismo envolve muitos aspectos cujo objetivo maior é o *turista*. As abordagens são interdisciplinares e multidisciplinares fazendo com que os pesquisadores se envolvam em campos de estudo diversos como a antropologia, sociologia, economia, geografia e outros. Como as questões do Turismo se multiplicam, criando uma dificuldade de definição precisa (BENI, 1998, p. 38) é preferível observar os elementos comuns que embasam o fenômeno. Destacam-se os seguintes termos:

- viagem ou deslocamento – pois sem movimento o Turismo não existiria;
- permanência fora do domicílio – caracterizando o fluxo, e a necessidade de equipamentos adequados para receber o turista, gerando gastos no local de destino;
- temporalidade – importante para diferenciar o turista do migrante e imigrante, pois estes se fixam em outro local;
- sujeito do turismo – caracterizado pelo homem, centro de todo o processo. Este acaba gerando as transformações econômicas e sociais nos destinos turísticos, e

- objeto do turismo – que se traduz no atendimento ao turista a partir de bens e serviços colocados a disposição do mesmo.

Cabe lembrar que existem os bens subjetivos ou imateriais, como o ar puro e as belezas naturais, que vem ganhando valor econômico, em função da dificuldade que os moradores dos grandes aglomerados urbanos têm em usufruir de ambientes que possuem um estilo de vida natural.

Beni também coloca que o Turismo é um eficiente meio para:

- promover a difusão de informações sobre uma determinada região ou localidade, seus valores naturais, culturais e sociais;
- abrir novas perspectivas sociais como resultado do desenvolvimento econômico e cultural da região;
- integrar socialmente e incrementar a consciência nacional;
- desenvolver a criatividade em vários campos e
- promover o sentimento de liberdade mediante abertura ao mundo, estabelecendo ou estendendo os contatos culturais e estimulando o interesse pelas viagens turísticas.

No entanto, o nosso autor lembra que a atividade turística pode promover prejuízos como segue:

- degradação e destruição dos recursos naturais;
- perda da autenticidade da cultura local;
- descrição estereotipada e falsa do turista e do país ou região de que procede, por falta de informações adequadas;
- ausência de perspectivas para aqueles grupos da população local que habitam as áreas de destinação turística e que não obtém benefícios diretos das visitas dos turistas ou do próprio Sistema de Turismo da localidade;

- aparecimento de fenômenos de disfunção social na família, patologia no processo de socialização e desintegração da comunidade e
- dependência do capital estrangeiro ou de estereótipos existentes em face do turismo.

Cabe ressaltar que a busca pelo meio natural por parte do turista, de certa forma vem de encontro à idéia central deste estudo, ou seja a utilização do meio rural para outras atividades, além das tradicionais. E que a atividade turística como agente de transformação, se bem utilizado, é capaz de alterar a situação do trabalhador rural promovendo uma melhoria da qualidade de vida no seu meio.

O crescimento da atividade turística nos últimos cinqüenta anos, a partir de inovações tecnológicas, estabilidade política quase que geral, reorganização operacional das empresas do setor, melhoria e facilitação dos meios de comunicação, transporte, alojamento e alimentação acabou por gerar um turismo massificado em muitos destinos turísticos, em que pese o desenvolvimento destes locais, em função da infra-estrutura instalada e as novas oportunidades profissionais criadas.

De qualquer maneira o turista mais recente, que tem acesso a novos produtos, busca o chamado *Turismo Alternativo* (CAVACO, 1999, p. 103 –105), expressão pouco adequada, visto haver uma série de modalidades descritas mais adiante, diferenciadas para públicos específicos como o ecoturismo, turismo verde e outros, não menos danosos aos destinos, se mal praticados.

Em oposição ao chamado turismo convencional, aparece o *Turismo Rural* (TULIK, 1997, p. 136), também em função da necessidade de fuga dos grandes centros urbanos e ainda numa tentativa de resgate do conhecimento e participação nas atividades rurais, experimentadas por antepassados em décadas anteriores.

Na década de 90 o turismo rural se coloca ao lado do ecoturismo como atividade que se baseia no ambiente (CAVACO, 1999, p. 107), preocupada com os custos ambientais e sociais, onde natureza e cultura se completam e tem por opção segmentos de mercado como populações de mais idade, pessoas que tiram férias fragmentadas ou que viajam sozinhas.

O conceito de *Turismo Rural* vem sendo trabalhado por pesquisadores que felizmente se preocupam em relatar e comparar as formas de atuação, não exagerando nos aspectos teóricos e técnicos dos termos. Em seu Dicionário Técnico de Turismo DOMINGUES (1990, p. 280) diz que *Turismo Rural* é aquele praticado em zonas rurais e que surgiu, em função do excesso de urbanização de zonas litorâneas, referindo-se às praias saturadas do Mediterrâneo que acabaram por se transformar em centros urbanos. Como este crescimento não mais contribuía para o efetivo repouso dos turistas, os mesmos iniciaram um retorno ao meio rural que na França é especificamente chamado de *Turismo Verde*.

Na Europa e América do Norte, a produção de turismo no meio rural corresponde ao exercício de atividades turísticas desenvolvidas em áreas rurais, resultando na produção de bens e serviços turísticos destinados a uma clientela atraída pelo consumo de bens do ambiente rural. É uma atividade peculiar tanto na produção quanto no consumo, pois segundo SARTOR (1981, p. 13) está intimamente integrada ao próprio espaço rural onde se localiza, sendo que a demanda no Brasil ainda vem tomando forma.

Segundo PIRES (1998, p. 48 – 51) na Espanha e em geral na Europa, usa-se a expressão *Turismo Rural* para designar as atividades turísticas no meio rural-natural europeu. Busca-se a experiência turística integral, onde o turista se envolve com o destino. Este ainda descreve as atividades incluídas no conceito de *Turismo Rural* praticados na Europa e seus termos, como segue:

- agroturismo – associado à oferta de alojamento e alimentação em propriedades rurais ativas e produtivas, onde o turista pode participar das atividades cotidianas das propriedades;
- turismo cultural – onde se utilizam recursos culturais, históricos, artísticos, de costumes, folclóricos e outros localizados no meio rural;
- turismo de aventura – que se utiliza do meio natural em espaços pouco utilizados turisticamente, gerando sensações de descobrimento aos participantes;

- turismo esportivo – onde a prática das atividades esportivas em espaços naturais ou rurais proporciona sensações de riscos em vários graus;
- turismo verde – onde o foco de atenção e interesse dos turistas é a paisagem natural ou modificada por atividades humanas integradas ao meio, e
- ecoturismo – tem por prioridade a preservação do espaço natural onde é realizado. E busca-se aproveitar os elementos naturais e antrópicos (atividades humanas) em conjunto com o aproveitamento turístico recreativo dos destinos.

Assim, o ecoturismo é sustentabilidade, integra-se ao meio, é de baixo impacto, visa o desenvolvimento do meio rural, tem a natureza como motivadora de demanda e aspectos prioritários de conservação.

O autor ainda cita que o *Turismo Rural* vem se destacando em alguns Estados brasileiros, embora aconteçam distinções e princípios e diferenças operacionais. A tendência ao uso do termo *Agroturismo* como generalizador das atividades acontece pela ocorrência dos seguintes princípios: autenticidade, harmonia ambiental, preservação das raízes culturais, divulgação dos costumes e atendimento familiar (ibid.). Estes princípios também são aceitos por entidades oficiais do turismo como ponto de apoio à legislação e recomendação aos empreendedores da atividade, conforme será possível verificar mais adiante.

Num breve panorama do turismo rural OLIVEIRA (1999, p. 2-3) cita a economia do ambiente e cultura em conjunto com os movimentos turísticos, como formadores da expressão Turismo no espaço rural ou em áreas rurais. Assim, o *Turismo Rural* está ligado a atividades que geram ocupações complementares às atividades agrícolas cotidianas da propriedade rural, em menor ou maior intensidade, gerando um processo de agregação de serviços aos produtos agrícolas e valorizando os bens não-materiais existentes como *ar puro, beleza cênica, etc.*

O autor coloca ainda que a comunidade europeia vêm desenvolvendo a idéia do *Turismo Rural* como motor do *desenvolvimento rural*, visando fomentar a indústria do lazer, melhorar a infra-estrutura geral e as telecomunicações, desenvolver as pequenas e médias indústrias existentes no meio rural e, por conseqüência aumentar a demanda do artesanato e dos produtos alimentícios e ainda, melhorar de forma

indireta o setor agrícola, com a busca da qualidade dos produtos típicos de cada região.

A abordagem seguinte tratará das motivações turísticas e do produto, que no tocante ao *Turismo Rural* sofre algumas modificações interessantes, em relação ao produto tradicional de viagem ofertado. Em sua obra ANDRADE (1998, p. 87 e 98) coloca os seguintes aspectos como agentes motivadores aos deslocamentos turísticos:

- desejo de evasão;
- necessidade de evasão;
- espírito de aventura;
- aquisição de status;
- necessidade de tranquilidade;
- desejo ou necessidade cultural e
- desejo ou necessidade de compra.

O homem tornou-se um trabalhador prisioneiro de seus processos produtivos onde o cotidiano, os horários, os cronogramas a serem cumpridos o desgastam, deixam-no doente e o incentivam ao consumo de bens materiais, e os aparatos tecnológicos que num primeiro momento, serviram como facilitadores, hoje roubam seu emprego. Assim este mesmo trabalhador, precisa de lazer, descansar, sair da rotina. Não cabe neste, momento, uma análise mais profunda sobre os pontos de motivação, mas é certo que convergem para a necessidade do homem moderno. E esta fuga tem como novo destino o meio rural.

Quanto ao produto turístico, o mesmo autor o coloca como um composto de bens e serviços diversificados e interrelacionados, unindo os setores de produção econômica que acabam se valorizando por igual. Assim, o setor primário basicamente agrícola, florestal e pecuário se caracteriza pelo extrativismo, enquanto que o setor secundário, cuida dos processos de transformação das matérias-primas em produtos diversificados e o setor terciário não produz bens tangíveis, prestando serviços de qualquer natureza. Mas é possível pensar que o setor primário acabaria englobando as outras atividades de transformação e de serviços a partir da elaboração e desenvolvimento de produtos turísticos em seu espaço.

2.2 QUESTÕES AMBIENTAIS

O uso dos recursos turísticos de forma indiscriminada, vem gerando poluição e esgotamento. A partir das décadas de 60 e 70 se iniciam movimentos de conscientização e o turismo também é visto como poluidor, o que acabou gerando uma nova forma de observação do meio ambiente e do patrimônio cultural. Os órgãos oficiais, são instruídos a orientar os fluxos turísticos, redirecionar as ações visando melhorar os núcleos receptores, conforme as colocações de BARRETO (1991, p. 101-105) do planejamento do turismo o patrimônio cultural é um conjunto de bens materiais e espirituais de uma sociedade. E existem limites a serem preservados, evitando-se a interferência e a descaracterização das manifestações culturais e que se não forem observados causam a extinção do próprio recurso natural antes atrativo de valor, transformando-o em recurso comercial. A autora ainda faz outra colocação importante sobre a exploração do homem em nosso país e na América Latina que, atuando como prestador de serviços ao turista de países desenvolvidos, representa por alguns trocados como um animal adestrado. *O pitoresco ou folclórico na verdade é sinônimo de pobreza e injustiça. E o turismo é cúmplice dessa situação na medida em que leva a opulência e a arrogância do mais abastado à porta do pobre, nativo, que não possui horizontes, gerando como já é sabido, as transformações em seu meio. Como observação final sugere que devemos criar em nosso continente, condições para a atividade turística se desenvolver em um padrão próprio, e proteger o homem e sua cultura.*

Transportando estas colocações para o turismo no meio rural, fica evidente a necessidade de planejamento, visando a manutenção dos valores das populações que trabalham nas propriedades, evitando-se assim a descaracterização do espaço e do homem, inclusive como atividade sustentável e única.

Existe, na verdade, um conflito na expansão do turismo, pois há um limite da capacidade territorial de receber visitantes, objetivando também a preservação, que é a junção do aspecto físico e do social. Esta preservação, que é a junção do meio natural e do meio urbano, busca garantir a qualidade de vida. E, por decorrência, garantir a longo prazo, a sobrevivência do turismo como atividade econômica.

PETROCCHI (1998 p. 59-60) coloca que o *meio ambiente é em geral um grande atrativo turístico*, principalmente no Brasil, com extenso litoral e natureza exuberante, em ecossistemas únicos como a Amazônia e o Pantanal. É que a urbanização em nosso país se deu de forma equivocada, gerando aglomerados urbanos de baixa qualidade do ponto de vista habitacional, falta de infra-estrutura em geral, falta de serviços públicos adequados que por fim prejudicam a atividade turística. Ou seja, a falta de planejamento urbano acaba sacrificando atrativos turísticos, como por exemplo, no surgimento de uma favela próxima a um ponto interessante ou a construção de pontes, estradas e outras obras em locais inadequados que, numa segunda fase, causam algum obstáculo em projetos turísticos. E outras situações, como loteamentos em locais de preservação, águas poluídas a partir de aglomerados industriais, desmatamentos e outros processos destrutivos, também se juntam às dificuldades impostas ao desenvolvimento do turismo.

No meio rural existe então uma chance de se evitar os mesmos erros, desde que os componentes do sistema trabalhem de forma cooperativa, o que no momento já é preocupante, pelo alto grau de influência da sociedade urbanizada sobre o homem rural.

Também é muito interessante a colocação de RUSCHMANN (1997, p. 164) no que se refere ao meio ambiente, quando fala que as chances de preservação e de desenvolvimento harmonioso são maiores para as atrações turísticas potenciais, ou seja, para as áreas que não receberam nenhum equipamento específico da atividade, mesmo sendo grandes atrativos naturais e/ou socioculturais.

Na verdade, turismo e meio ambiente não demonstraram um relacionamento harmonioso ao longo do tempo. E só mais recentemente, apareceram alguns indícios de interação mais benéfica ao conjunto turístico nos espaços naturais não como um modismo, enquanto o público está cada vez mais consciente da necessidade de proteger o meio ambiente. O contato com a natureza é um apelo mas também a garantia de preservação. As áreas protegidas se tornam produtos de um turismo de qualidade em conjunto com serviços e equipamentos de excelência, segundo a mesma autora.

Em outra abordagem, também nesta linha, BENI (1998, p. 55) coloca que a ciência ecológica é quem está em melhor situação para fornecer conhecimentos e orientar o desenvolvimento permanente das atividades turísticas, principalmente as que se realizam em espaços rurais ou campestres, desde que os princípios ecológicos sejam valorizados em todas as etapas do processo de planejamento turístico. O mesmo pesquisador lembra que a atividade agrícola regular foi o processo que fixou o homem, gerando os aglomerados urbanos e as diversas atividades econômicas e comerciais de início, bem como as atividades industriais, científicas e de recreação num segundo momento. E que os conglomerados urbano-industriais da atualidade exigem do homem uma busca do lazer, no seu tempo livre, notadamente em espaços abertos, com belas paisagens, em um ambiente saudável e tranquilo, que viabilize a contemplação e a meditação ou mesmo atividades recreacionais e desportivas. Este homem urbano, antes refém de um turismo de massa, que comprava seu passeio do mesmo modo que um produto industrializado, aos poucos vem se tornando mais crítico e buscando novas alternativas para desfrutar o tempo livre, como por exemplo, caminhadas, acampamentos, banhos de cachoeira e outras de cunho ecológico. Desta forma, a propriedade rural produtiva surge como mais uma alternativa de lazer, em conjunto com as técnicas de preservação do meio ambiente.

2.3 AGROTURISMO E SEGMENTAÇÃO

O *Agroturismo* é a modalidade mais adequada para proporcionar renda complementar ao pequeno agricultor (CAMPANHOLA; GRAZIANO DA SILVA, 1999, p. 23). As propriedades que possuem produção agropecuária podem agregar atividades como o processamento caseiro de alimentos, restaurante de comidas típicas, pousada, venda direta ao consumidor, colheita no pomar e visita às atividades de produção agropecuária (ordenha, plantio, colheita, etc.). Podem também promover visitas às unidades produtivas (sucos, conservas, queijos e outras), contatos com artesãos locais e cooperativas além de realizar cursos de

culinária e, por fim, incentivar a prática de atividades de lazer (esportes, passeios a cavalo, barco, trilhas, etc.).

O estudo sobre turismo rural no Estado do Espírito Santo, realizado por PORTUGUEZ (1999, p. 94) busca uma caracterização das propriedades envolvidas com *Agroturismo*. São unidades de tamanho variado (05 a 250 hectares), sendo que as menores desenvolvem pequenos plantios e os visitantes são integrados às atividades rotineiras, enquanto outras resumem a atividade agroturística à venda de seus produtos. Já as propriedades maiores possuem grandes estruturas, voltadas aos entretenimento como passeios ecológicos, quadras poliesportivas, cavalgadas, visitas às plantações, pesca e outras. Ao se envolverem no programa de incentivo ao *Agroturismo* muitos proprietários aderiram ao modismo, segundo o autor, inclusive dando margem ao chamado agrocomércio, criticado pelos turistas, pois a idéia original acabou sendo deturpada. Outra consequência desse desajuste é a desvinculação dos produtores do cultivo da terra, substituindo a atividade agrária pela comercial, alterando a função da propriedade e não agregando a multifuncionalidade.

Ressalta-se que ocorreram interferências paisagísticas nas propriedades rurais, descaracterizando o ambiente original, deixando-o artificial e distante do "*habitat rural*" imaginado pelo turista. O uso de construções modernas como chalés, por exemplo, de fácil construção e custo menor, acabou prevalecendo sobre as restaurações de construções antigas, desconsiderando a arquitetura local que, segundo os proprietários, não é funcional tanto pela disposição dos cômodos, quanto pelo material utilizado. Além disso, os pesqueiros, piscinas e outras adaptações para entretenimento foram sendo construídas, sem nenhuma preocupação com os impactos ambientais.

O autor recomenda que o programa sobre *Agroturismo* daquela região seja reavaliado e redirecionado, buscando-se uma participação mais autêntica dos proprietários rurais. Os problemas detectados no referido estudo devem servir de alerta a outros organismos que venham a desenvolver programas para o *Turismo Rural* e o *Agroturismo*.

O pioneiro do *Agroturismo* RENATO BRAVO (1998) diz que propriedade rural pode se tornar mais produtiva e ainda obter resultados positivos com a atividade turística. A princípio eles adotam melhorias no processo de produção, visando baixar os custos, evitar o desperdício, agregar valores aos produtos e manter um canal de venda de produção de verduras, milho verde, leitão, galinha caipira e leite que também são servidos no restaurante anexo à propriedade. O entrevistado faz algumas colocações sobre a atividade turística citando que:

diferente da praia ou da metrópole o turismo rural não é de massa, mas de atendimento pessoal. O turista quer conversar com o dono, com sua família: é um atendimento direto. Mas quanto mais profissional, melhor. É que o povo não agüenta mais o que vem em série, industrializado. Quer de volta o contato com a natureza. Não é preciso pensar em instalações caras e luxuosas. É só valorizar o que existe e abrir a casa da granja, no sítio, na fazenda, na chácara, à visitaçã, nem que seja um dia só, domingo por exemplo.

Se possível, arranjar uma comidinha (cobrada) e ir atraindo as pessoas, batalhando assim o futuro ponto de venda (GLOBO RURAL, jan./1998).

As atividades na granja começaram com a suinocultura, cujo produto após o abate, era vendido de porta em porta. Hoje a produção inclui outros itens (já citados) que atendem o restaurante caipira *Trem da Serra*. Cabe lembrar que os processos de produção foram sendo *modernizados* com a inclusão de aspersores, usados para refrescar as pocilgas, ciscódromos usados para alimentar os frangos, lâmina d'água que ajuda na limpeza das baias dos leitões e larvário que serve como ração. A produção também inclui o leite, o queijo, a mussarela e o doce de leite.

O artigo registra que em 1998 haviam 32 (trinta e dois) projetos de turismo rural funcionando na área do Distrito Federal, e 25 (vinte e cinco) em fase de implantação. As opções para as propriedades são diversas, sendo as mais comuns os restaurantes de comida caseira, pousada, pesque-pague, clínica de naturoterapia (tratamento do *stress* através do contato com a natureza), trilhas ecológicas, observação de fauna e flora, etc.

A reportagem cita que o proprietário tem desenvolvido palestras sobre como organizar a atividade turística e a profissionalização da pequena propriedade rural. E que ele adota o sistema de parceria com os 22 (vinte e dois) empregados, além de estar produzindo e exportando pimentões para *Miami* (USA). Vale lembrar que é um trabalho de 25 (vinte e cinco) anos, onde o mesmo precisou superar dificuldades econômicas,

burocráticas e de credibilidade, bem como administrar situações de legislação precária ou inexistente. No entanto, do ponto de vista desta pesquisa, é importante lembrar que é um caso de sucesso isolado. É provável que outras propriedades já tenham alcançado um bom estágio nas suas atividades, mas a realidade no meio rural é de dificuldade econômica e carência de recursos humanos e materiais.

Conforme BENI (1998, p. 149), o motivo da viagem é o principal meio disponível para se segmentar o mercado.

A afluência de turistas se dá por descanso ou férias, negócios e compras, turismo desportivo, ecológico, rural, de aventura, religioso, cultural, científico, gastronômico, entre outros. Assim, a segmentação traz vantagens econômicas para as empresas turísticas criando concorrência no mercado, incentivando políticas de preços e de propaganda especializada e ainda gerando um aumento de pesquisas científicas.

MORAES (1999, p. 23-25) sugere dois elementos básicos motivadores das viagens que, de alguma forma atenderiam o novo turista:

- lugares bem distantes e diferentes dos comumente visitados pela população em geral e
- viagem planejada de forma exclusiva por pequenos operadores para uma clientela exigente e independente.

Como formas de segmentar o mercado, sugere também modalidades e critérios, abaixo resumidos:

- geográfica – em função da extensão do mercado, potencial, transporte e acesso, tráfego, e outros;
- demográfica – conforme a idade, sexo, domicílio, família e ciclo de vida;
- socioeconômica – visando a classe de renda, instrução, ocupação, etc.;
- padrões de consumo – observando-se a frequência e local de compras entre outros;
- benefícios procurados – como prestígio social, satisfação sensorial, qualidade, atendimento, etc;

- estilo de vida – valorizando o uso do tempo, interesses predominantes, uso do dinheiro e outros;
- personalidade – em função das bases culturais, atitudes, valores e liderança e
- caracterização econômica – conforme o setor de atividades, o tamanho das empresas, concorrentes, decisões, etc.

Na busca de uma caracterização para o *turismo rural*, GIANGIORDANO (1997, p. 28, 29) coloca-o como uma atividade de pequena empresa, onde o homem se constitui em elemento central. Porém a *oferta* tradicional não respeita a essência da *ruralidade*, pois os grandes centros turísticos eficientes e modernos, localizados em ambiente rural, não entram na verdadeira concepção de *turismo rural*. Assim, os defeitos do turismo rural constituem a marca que o identifica.

A autora cita que há uma demanda crescente de atividades recreativas em ambientes rurais na Europa, nas últimas décadas, favorecendo a aparição de uma oferta turística variada e uma demanda heterogênea. Na busca de um desenvolvimento integrado das diversas regiões, a formação de uma demanda mais selecionada em função das características da oferta e da situação econômica local, constitui fator importante para se atingir resultados positivos das iniciativas de turismo rural. A demanda é proveniente das classes média e alta que valorizam as questões culturais locais.

Quanto ao *Agroturismo*, GIANGIORDANO (op. cit.) destaca que a agricultura é quem modela a paisagem rural, dando-lhe uma conotação especial. Há uma demanda por produtos agrícolas e naturais ou produtos de transformação artesanal, e também uma manutenção do patrimônio gerado a partir das atividades produtivas e de transformação, como máquinas, adegas, etc.

Em função do que foi exposto o *Agroturismo* se afirma como uma linha a ser explorada, visando um público mais específico, simpático a esta modalidade, facilitando inclusive o desenvolvimento das ações produtivas e o direcionamento dos investimentos financeiros, humanos e materiais.

2.4 POLÍTICAS DE TURISMO

Em seu Manual Operacional para o *Turismo Rural*, a EMBRATUR (1994) coloca que a sociedade atual se universaliza pela uniformização dos costumes, mas por outro lado, se preocupa por resgatar os valores das coisas locais e regionais.

E desta forma, o *Turismo Rural* se constitui em proposta de reformulação e revitalização de certos aspectos e atividades ligados a áreas rurais. Existem recursos naturais e socioculturais pouco utilizados no espaço rural de nosso país e a instituição oposta no desenvolvimento destas áreas onde no futuro, os bens locais devem ser melhor aproveitados. Assim, as acomodações e os serviços seriam gerados a partir do habitat. Desta forma, a população local se beneficiaria efetivamente da atividade turística, além de repassar ao visitante a sensação de autenticidade, ou seja, a volta às origens.

Ao fixar as principais diretrizes, na busca de uma diversificação do produto turístico nacional, a EMBRATUR lançou estratégias para o desenvolvimento do *Turismo Rural* (TULIK, 1997, p. 140 e NOVAES, 1999 p. 141) que se resumem no seguinte:

- compatibilizar a conservação e o desenvolvimento dos recursos turísticos destacando-se a importância do patrimônio natural e sociocultural e o respeito à integridade desses recursos;
- criar uma oferta de alojamento e recreação não concentrada e de pequena escala, priorizando-se a coordenação local e comercial, a personalidade do meio rural que difere do litoral, por apresentar recursos, clientela e motivação específicas;
- possibilitar contato com a natureza por meio da criação e promoção de atividades ao ar livre, do estabelecimento de diálogo entre visitantes e visitados e da investigação e fomento de fórmulas de intercâmbio sociocultural entre os turistas e a população residente e

- promover um turismo organizado e administrado pela população rural com uma oferta de pequena escala, o que torna esta estratégia possível e permite que benefícios econômicos do turismo tenham incidência na sociedade rural.

Outra colocação interessante da EMBRATUR (1994) se refere ao consumo saudável de alimentos e sugere que as propriedades produzam em quantidade suficiente para atender aos visitantes (hóspedes), frutas e hortaliças variadas e carnes frescas, sem agregados químicos de nenhum tipo. Recomenda também a manutenção de uma horta no local, um pomar com frutas da região, um local para criação de aves como: perus, gansos, galinhas e ainda um curral onde serão ordenhadas vacas e um outro para ovelhas. Toda esta estrutura serviria como base para oferecer ao turista refeições caseiras deliciosas e elaboradas com produtos frescos. Através de um cardápio semanal, equilibrado e abundante, proporcionar-se-ia comidas caseiras regionais e de estilo artesanal, evitando-se pratos elaborados ou de outras regiões. Assim o visitante poderia degustar uma gastronomia diferente da que está habituado.

Segundo a documentação do órgão oficial de turismo do Estado do Paraná, o turismo no meio rural gera um produto com características especiais, em função do ambiente físico e social onde se produzem bens e serviços muito próprios. E o nível de qualidade está ligado diretamente à atividade produtiva rural e ao meio ambiente (belezas naturais). O consumo ocorre por parte de uma produção distinta, originária de aglomerados urbanos, sendo que a atividade deve-se caracterizar pela observação dos seguintes itens:

- natureza (espaço);
- familiar (cultural);
- interiorização e identificação regional e
- peculiaridade de produção e consumo.

Em sua proposta *Turismo Rural uma Alternativa Auto-sustentável* a ABRATURR (1997) coloca como princípios fundamentais os itens abaixo:

- identidade própria;
- autenticidade;

- harmonia ambiental;
- preservação das raízes culturais;
- divulgação dos costumes e
- atendimento familiar.

Percebe-se que as instituições que coordenam as ações do turismo levam em conta as influências econômicas da atividade a partir do avanço tecnológico (adequado ou não para o meio rural), bem como a redução do êxodo rural com a possibilidade de nova fonte de renda e as influências culturais resultantes do encontro humano, além da capacidade de assimilação do núcleo receptor e as perspectivas de vida das populações.

Na busca de políticas mais atuais pode-se citar as oficinas realizadas pela EMBRATUR em 1998 para sistematizar o turismo rural (NOVAES, 1999, p. 141), com objetivos e estratégias voltadas para a regulamentação, a informação e a comunicação, articulação institucional, o incentivo no turismo rural, a capacitação, o envolvimento das comunidades locais e a infra-estrutura básica. Quanto ao conceito de turismo rural, definiu-se como “o conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, comprometidas com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade”.

Ainda segundo PORTUGUEZ (1999, p. 76), a EMBRATUR tem trabalhado com a seguinte definição sobre o *Turismo Rural* ...”atividade multidisciplinar que se realiza no meio ambiente, fora de áreas intensamente urbanizadas. Caracteriza-se por empresas turísticas de pequeno porte, que tem no uso da terra a atividade econômica predominantemente voltada para práticas agrícolas e pecuárias”.

Conforme a proposta da já citada ABRATURR, os novos sistemas produtivos em conjunto com a atividade turística no meio rural trazem a idéia da autosustentabilidade e a participação ativa do visitante, tanto nos processos produtivos diários onde o turista pode se envolver com o cotidiano da propriedade ou em atividades sazonais a partir de um cronograma de visitas. Hoje o turista busca uma participação no processo, como se fosse um aprendiz, e por outro lado a propriedade pode a partir da demanda, revitalizar áreas esquecidas ou ainda resgatar atividades produtivas abandonadas.

3 PERFIL DA PROPRIEDADE

3.1 CARACTERÍSTICAS

A *CHÁCARA TINIARA* está localizada no distrito de Areia Branca dos Assis, pertencente ao município de Mandirituba – PR a 45 km de Curitiba (vide anexo). O município pertence à Região Metropolitana de Curitiba e possui uma área de 348 km², população rural de 9.894 habitantes e urbana de 5.324 habitantes, conforme a COMEC (Coordenação da Região Metropolitana de Curitiba). Na região a altitude média é de 900 m e as precipitações de chuvas vão de 1.300 a 1.500 mm. A variação climática aponta uma estação seca não definida e uma estação úmida que vai de Dezembro a Fevereiro, caracterizando o clima subtropical úmido. A média de temperaturas no verão é inferior a 22° C e no inverno inferior a 18° C e o solo está classificado como do tipo textura argilosa.

A propriedade pratica a *Agricultura Orgânica* a partir das diretrizes do *Instituto Biodinâmico* (vide anexos) onde a idéia básica é o cultivo sem o uso de produtos químicos sintéticos, além de outros procedimentos mais saudáveis que serão expostos adiante.

A área total é de 4,8 hectares ou 48.000 m², sendo distribuída da seguinte forma:

- área útil orgânica de 1,2 ha;
- florestas em 2,4 ha, e
- instalações em 1,2 ha.

A força de trabalho da Chácara se constitui da proprietária que cuida da parte administrativa, divulgação e comercialização e de seis (06) empregados, residentes na comunidade e assim divididos;

- 02 funcionários para a horta, sendo um deles responsável pelo cumprimento do calendário de plantio;
- 02 funcionários que cuidam dos animais, sendo um encarregado do abate de frangos;
- 01 motorista e
- 01 empregado responsável pelos controles informatizados.

Convém observar que os serviços de manutenção das construções e da propriedade em geral, assim como o preparo da produção para transporte e venda, por vezes é realizado por todo o grupo, que trabalha em sistema de mutirão quando necessário.



Foto 01 – Habitação (foto técnica)

Quanto à infra-estrutura (vide anexo) a propriedade possui as seguintes construções:

- 01 casa de madeira com 70 m²;
- 01 cozinha em alvenaria de 35 m²;
- 03 barracões em alvenaria de 21 m²;
- 01 garagem de madeira com 25 m²;
- 01 barracão de postura em alvenaria com 28 m²;
- 01 barracão para frangas de postura em alvenaria com 60 m²;
- 01 chiqueiro em alvenaria com 45 m²;
- 01 estábulo de madeira (paiol) com 32 m² e
- 01 pinteiro de 09 m².



Foto 02 – Vista Parcial – Construções (foto técnica)

Também possui os seguintes equipamentos agrícolas:

- 01 mini-tractor Tobata de 9 C.V. com rotativa e sulcador;
- 01 triturador de 5 KWA e
- 01 veículo do tipo caminhonete.

A água da propriedade é proveniente de um poço artesiano, sendo que para a irrigação, por gotejamento, existe uma captação em açude que abastece uma caixa de 18.000 litros. A energia elétrica é convencional e as comunicações podem ser feitas por telefone e fax, sendo possível adotar o sistema via internet.

3.2 PRODUÇÃO

A produção da Chácara é bem diversificada e variada ao longo do ano. O cultivo do morango, considerado o carro-chefe das vendas, começa em Maio com o plantio e a produção se dá entre os meses de Setembro e Fevereiro. Por ser uma cultura que exige cuidados constantes, o trabalho se desenvolve por quase um ano inteiro.



Foto 03 – Morangueiros (foto técnica)

Existe um pomar caseiro com produção de laranja, limão, lima da pérsia e durante o inverno é possível conseguir uma boa produção de pinhão, visto haver em torno de 40 araucárias na propriedade. Para o verão o milho verde se constitui numa boa alternativa.



Foto 04 – Milharal (foto técnica)

As hortaliças com produção anual são as seguintes: alface, couve, cheiro verde, cenoura, com ótima produção; beterraba, rabanete, nabo, couve chinesa, chicória, couve rabano, almeirão, brócolis e couve-flor, com boa produção.

Durante o verão produz-se vagem, ervilha torta, beringela, abobrinha, pepino, pimentão e quiabo em boa quantidade.



Foto 05 – Pimentões (foto técnica)

A propriedade trabalha com frango de corte e na época desta pesquisa, possuía 260 aves para abate. A produção diária de ovos chega a 200 unidades (em média).



Foto 06 – Barracão para aves (foto técnica)

Cabe lembrar que a suinocultura está desativada no momento.

3.3 FILOSOFIA DE TRABALHO

Até o ano de 1995 a chácara produzia milho e feijão, com plantio anual. Em Fevereiro de 1996 foi estruturada a horta e adotado o sistema de *Agricultura Orgânica*.

A agricultura orgânica possui algumas práticas, abaixo citadas:

- uso de reciclagem de materiais orgânicos, através da interação da produção animal e vegetal;

- solo: organismo vivo, complexo e dinâmico;
- uso de métodos alternativos para controle de pragas, doenças e ervas daninhas;
- manejo adequado do solo e da matéria orgânica;
- maior utilização de mão-de-obra;
- menores custos de produção (médio e longo prazo);
- produção de alimentos de alta qualidade;
- equilíbrio na utilização dos recursos naturais/produção sustentável;
- melhor qualidade de vida para produtores e consumidores e
- preservação e conservação do meio ambiente.



Foto 07 – Área de cultivo (parcial) alface (foto técnica)

Na agricultura convencional faz-se uso intensivo de produtos químicos sintéticos, gerando a contaminação dos alimentos, enquanto a prática da hidroponia faz uso intensivo de adubação química e promove a poluição das águas pelos resíduos (vide anexo).

O Instituto Biodinâmico, localizado na cidade de São Paulo – SP, é o órgão fiscalizador e orientador dos produtores que praticam a agricultura orgânica em nosso país. Aqui no Estado do Paraná a instituição se faz representar pela AOPA – Associação de Agricultura Orgânica do Paraná, localizada no município de Quatro Barras – PR, sendo que esta associação está autorizada a fiscalizar e certificar as propriedades e produtores, além de participar como entidade de intercâmbio de informações junto ao coordenador nacional.

Para se manter dentro dos padrões de qualidade estabelecidos pelo Instituto, podendo fazer uso do selo e da marca “Instituto Biodinâmico de Desenvolvimento Rural” em seus produtos (anexos) a propriedade precisa responder de forma positiva por ocasião das visitas técnicas e primar pela observância de alguns princípios.

O item Estruturação Geral e Aspectos Sociais do Organismo Agrícola, das Diretrizes para os padrões de qualidade cita o seguinte ...“de acordo com o Curso Agrícola de Rudolf Steiner, *Fundamento da Agricultura Biodinâmica*, cada fazenda, sítio, propriedade ou unidade agrícola dever ser, tanto quanto possível, um organismo em que as diferentes atividades se complementem e se apoiem mutuamente. O ponto-chave para tal agricultura é o uso de uma adubação que vivifique o solo, elevando-o e/ou mantendo-o na condição de organismo vivo fértil”.

Quanto à adubação, o item Adubação e Preparos diz ...“os meios fundamentais para fertilizar o solo são a adubação orgânica, o esterco animal e os restos vegetais complementados com o preparo biodinâmico e, conforme a necessidade, com complementos minerais (rochas moídas)” sendo que, em clima tropical, faz-se necessária a complementação mineral não sintética, ou seja, minerais naturais como rochas moídas, terra, fosfato de rocha, calcário, etc.

Os conceitos de *Organismo Agrícola* e de *Ecologia* sugerem uma diversidade de cultura, sendo inaceitável monocultura biodinâmica ou orgânica. O conceito

ecológico envolve os aspectos humanos, sendo que produtos orgânicos ou biodinâmicos devem atender a idéias de “uma agricultura ecologicamente sustentável, economicamente viável, socialmente justa”.

As *Diretrizes* abordam um bom número de questões como a compra de adubo fora da propriedade, os casos de contaminação por agrotóxicos, a recuperação de locais ameaçados ou ainda o reconhecimento de produtos animais, como leite e laticínios, carne e derivados a serem comercializados. Também orienta sobre as embalagens e rótulos, valorizando o selo do Instituto.

Sendo assim, as propriedades que se enquadram nas diversas normas do Instituto Biodinâmico, desenvolvem um trabalho inovador, criativo e saudável. Caracterizam-se como um novo produto a ser desenvolvido para a atividade turística.

3.4 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA.

Com a escolha do tema, buscou-se publicações mais abrangentes em função da extensão da atividade turística, e na seqüência foi selecionada a literatura sobre turismo rural.

A análise das colocações teóricas acabou reforçando a idéia do *Agroturismo* para a propriedade, o que funcionaria também como garantia da manutenção das atividades produtivas. A adoção de outras práticas na chácara, em prejuízo das técnicas atuais, por certo acabaria com o produto.

A primeira visita à *Chácara Tiniara* foi de reconhecimento, em companhia da proprietária e de uma conversa informal com os empregados. Em outra ocasião efetuou-se um levantamento mais detalhado sobre a infra-estrutura e a produção. Na seqüência foi realizada uma entrevista, com o objetivo de registrar as impressões da proprietária e dos empregados perante a implantação da atividade turística naquele meio.

Quando questionada sobre a experiência na área de turismo a proprietária respondeu que já organizou 02 (dois) pequenos eventos para grupos interessados na agricultura orgânica, com refeições e sem entretenimento. Quanto à expectativa em relação à atividade turística, acredita que a chácara está localizada em local agradável e por isso deve ser explorada, após uma melhor estruturação.

Com relação aos meios que julga interessantes para mudar a forma de atuação da propriedade, a proprietária acredita que o caminho é explorar melhor a área de cultivo, aumentando a produção das atuais culturas e ainda implantar a fruticultura e a psicultura, além de viabilizar a venda direta de produtos.

Também respondeu que não existem possibilidades financeiras de investimento com capital próprio no momento. E a alternativa seria pleitear um financiamento.

Quanto aos empregados, acredita que os mesmos se engajariam na nova atividade de forma positiva, desde que houvesse um bom trabalho de orientação.

Os funcionários responderam que existe a disposição para atender visitantes no seu ambiente de trabalho, mas falta tempo para dar a atenção devida e que não existe um espaço adequado para receber as pessoas.

Quanto a mudanças dentro da propriedade para receber turistas, acreditam que o ambiente vai ficar muito agitado, podendo atrapalhar as atividades cotidianas.

No que se refere a conhecer mais sobre o Turismo, acham ser difícil sair para realizar um curso ou alguma atividade extra e que o melhor seria um treinamento na própria chácara.

Perguntados se têm conhecimento de atividades que possam realizar para melhorar o desempenho da propriedade, acreditam que devem tentar novas culturas e manter a chácara bem organizada. Entendem ainda que as mudanças pouco afetarão seu modo de vida ou de sua comunidade.

Os entrevistados se mostraram abertos aos questionamentos sendo bem objetivos nas respostas; foram muito acessíveis quanto a apresentação da

propriedade o que facilitou o entendimento da atual situação, bem como o levantamento dos dados.

3.5 POTENCIALIDADES E SUGESTÕES

Em seu “Curso: **Projetos de Turismo Rural**”, OLIVEIRA (1999, p. 4), diz que a atividade propicia o contato direto do produtor com o consumidor final, que consegue vender, além da hospedagem e/ou permanência, seus produtos *in natura* (frutas, ovos, verduras, etc.) ou beneficiados (compotas, bolos, queijos, etc.). E desta forma consegue-se preços melhores para as partes, sendo mais rentável para o produtor, que agrega um valor “natural, fresco e puro” ao produto, e mais barato e saudável para o consumidor, que evita pagar o lucro de intermediários.

E conforme MACHADO (1999, p.76), se houver oferta de produtos hortifrutigranjeiros aos visitantes, recomenda-se auto-suficiência da propriedade ou, no máximo, de seu entorno. A Região Sul tem-se destacado pela oferta de produtos orgânicos com melhor qualidade, obtendo o reconhecimento dos turistas.

Estima-se que no município de Colombo – PR 35 (trinta e cinco) agricultores participam do Programa Municipal de Agroecologia (JORNAL DO CIRCUITO ITALIANO DE TURISMO RURAL), produzindo hortaliças organicamente, sem a utilização de agrotóxicos. São fiscalizados pela AOPA (Associação de Agricultura Orgânica do Paraná) e abastecem supermercados da cidade de Curitiba – PR.

O cultivo por meio da Agricultura Orgânica se constitui em diferencial de produto turístico, vinculando a imagem da chácara à idéia de culturas mais saudáveis. Esta seria a principal proposta a ser trabalhada, no momento, junto aos consumidores atuais (fiéis) e os potenciais.

Também a implementação de culturas frutíferas (desejo manifestado pela proprietária) possibilitaria o preparo de produtos para venda direta, em conjunto com os itens atualmente desenvolvidos, ampliando o rol de ofertas.

Outra oportunidade seria o aproveitamento da área de vegetação preservada para a realização de visitas guiadas, com enfoque na educação ambiental, desde que houvesse um levantamento técnico e uma programação adequada para tal.



Foto 08 – Área de vegetação preservada – ao fundo (foto técnica)

Segundo JACOBSON (1998, p. 52), apesar do turismo rural ser praticado pelo homem urbano, preocupado com as coisas nativas e com o meio ambiente, a utilização de novas tecnologias, em especial os recursos de informática, é imprescindível para garantir eficiência e eficácia nos serviços. Assim, fica a proposta de implantação de programas que facilitem o desenvolvimento do produto turístico em todas as fases.

Existe também a necessidade de organizar os espaços, visando controlar as áreas de acesso aos visitantes. A princípio, o mais adequado seria criar uma infraestrutura de recepção ao turista, evitando-se interferências nos processos produtivos fora dos horários programados, conforme preocupação manifestada pelos funcionários.

É importante realizar um trabalho de informação e conscientização dos empregados, sobre as novas atividades, buscando-se uma aceitação positiva em

função das modificações no seu ambiente de trabalho. E ainda, identificar profissionais para organizar e desenvolver a atividade turística na propriedade.

Recomenda-se um estudo de viabilidade econômica e em caso positivo a elaboração do produto, a partir de ajustes das questões administrativas e operacionais, bem como o desenvolvimento de propostas de comercialização junto ao mercado.

4 CONCLUSÃO

Dando por finda a etapa inicial deste estudo, acredita-se que a *Chácara Tiniara* possua elementos concretos para que se proceda a implantação e o desenvolvimento do Agroturismo.

Quanto à elaboração de um produto turístico, a *agricultura orgânica* como diferencial aparece como uma possibilidade viável além dos outros processos, que podem ser ativados envolvendo as áreas de produção e administração, e que já foram sugeridos em item anterior.

As pesquisas confirmaram que existe a motivação da proprietária e dos empregados frente à atividade turística. E a abertura por parte dos mesmos só valorizou a escolha do tema, possibilitando a continuação dos estudos acerca do assunto.

Conclui-se também que novas práticas da atividade turística vêm sendo ampliadas no meio rural, a partir de iniciativas de proprietários empreendedores e das diretrizes dos organismos oficiais, o que tem ampliado o espaço dessa modalidade de turismo.

A atividade turística na propriedade alvo deste estudo, se enquadra como agroturismo, com base na agricultura orgânica, sendo que o público a ser atingido, é o que vem buscando novas alternativa de lazer. E o turismo no meio rural vem se desenvolvendo para atender o homem urbano que opta por uma alimentação mais saudável e a tranqüilidade do campo, pelo menos por alguns dias ou mesmo horas. Os estudos sugerem um processo de implantação do turismo na chácara a partir da verificação de viabilidade econômica até a formação de um produto turístico consistente.

Acredita-se ainda neste estudo como um contribuinte às causas do Turismo, em âmbito acadêmico e como fonte de informações a profissionais e investidores do setor.

ANEXO 1 – DIRETRIZES DO INSTITUTO BIODINÂMICO – (INTRODUÇÃO)

DIRETRIZES

para os padrões de qualidade
BIODINÂMICO, DEMÉTER e ORGÂNICO
"INSTITUTO BIODINÂMICO"

(marcas registradas)



INSTITUTO BIODINÂMICO®
De Desenvolvimento Rural

Demeter®



Marca para produtos de
agricultura biodinâmica



Marca para produtos de
agricultura orgânica

INTRODUÇÃO

Razões e Características destas Diretrizes

A totalidade e a essência da Agricultura Biodinâmica e da Agricultura Orgânica não se deixam resumir em normas, pois exigem respostas sempre novas às diferentes situações em que forem realizadas. Ainda assim, há a necessidade de definir um padrão mínimo, a partir do qual um produto possa ser apresentado como orgânico ou biodinâmico — possibilitando clareza e entendimento entre produtores e consumidores.

Diretrizes de qualidade com esse fim já são usadas em inúmeros países, tanto para produtos orgânicos em geral (Normas IFOAM - International Federation of Organic Agriculture Movements) quanto para produtos biodinâmicos (DEMÊTER INTERNATIONAL). Na prática, usam-se selos de qualidade (paralelamente à marca específica de cada produtor) para indicar a conformidade com as diretrizes, atestadas por certificadoras competentes.

As presentes diretrizes, aplicáveis a todo território brasileiro, tiveram originalmente por base as Diretrizes Biodinâmicas Internacionais (31/10/89) e as normas IFOAM e são inteiramente compatíveis com todas essas. Foram trabalhadas pelo Instituto Biodinâmico. Essas diretrizes estabelecem os padrões mínimos a serem garantidos pelo uso (mediante contrato) dos selos DEMÊTER — para produtos biodinâmicos — e ORGÂNICO "INSTITUTO BIODINÂMICO" — para produtos orgânicos (marcas registradas).

As Diretrizes são apresentadas com justificativas e detalhes, seguindo-se um resumo com informações, principalmente, sobre as diferenças entre os selos. Neste índice serão expostos ainda alguns conceitos gerais indispensáveis à compreensão dos princípios das Diretrizes.

Chamamos de Agricultura Biodinâmica o modo de fazer agricultura que tem seus fundamentos básicos no Curso Agrícola de Rudolf Steiner (1924). De uma forma geral, não se tratam de práticas fixas e obrigatórias, mas de uma maneira de abordar a atividade agrícola e a ciência da agricultura. Tal modo conduzirá a respostas diferenciadas e adequadas quando aplicado às diversas situações locais. Para isso, é necessário estar disposto a uma atitude permanente de aprendizado e educação por meio da

observação, principalmente em relação à natureza e suas modificações no tempo.

Como Agricultura Orgânica, entendemos um amplo e variado espectro de práticas agrícolas, igualmente adaptáveis conforme a realidade local, sempre de acordo com princípios biológica e ecologicamente corretos. Todas as práticas indispensáveis à Agricultura Orgânica são igualmente indispensáveis à Agricultura Biodinâmica. Para a Agricultura Orgânica, porém, são dispensáveis algumas das práticas obrigatórias para o reconhecimento de qualidade biodinâmica, como se verá nas Diretrizes.

Se alguém pensar em utilizar estas Diretrizes limitando-se à observância estrita de sua letra (do modo formalista, como muitas vezes são utilizadas as leis), ou mesmo buscando eventuais brechas para usá-las com vistas a objetivos econômicos, estará mostrando-se inapto ao modo de trabalho biodinâmico, e deverá buscar outro campo ou meio. Impedir que ocorra esse tipo de aberração é uma das tarefas do Instituto Biodinâmico, de seus representantes e inspetores.

Qualquer pessoa poderá sugerir mudanças nestas Diretrizes desde que encaminhe as propostas e que fundamente as argumentações por escrito ao Comitê Técnico do Instituto Biodinâmico.

Sempre que houver uma alteração de conteúdo nas Diretrizes, será enviado um comunicado, por correio, a todas as propriedades certificadas. Também será publicada nota explicativa no Boletim do Instituto Biodinâmico.

Para os produtos cujas características de produção não se enquadram nestas Diretrizes serão elaboradas Diretrizes específicas.

ANEXO 2 AGRICULTURA ORGÂNICA – (ARTIGO)

AGRICULTURA BIODINÂMICA

Boletim do

IBD INSTITUTO BIODINÂMICO
DE DESENVOLVIMENTO RURAL

Telefax (014) 822-5066

Fax (014) 822-3648 - Caixa Postal, 321

CEP 18603-970 - Botucatu - SP

e-mail: ibd@laser.com.br

<http://www.laser.com.br/ibd>

Consultoria • Pesquisa • Certificação •
Cursos

Mantido pela Associação Brasileira de
Agricultura Biodinâmica com o apoio da
Associação Beneficente Iobias

Ano 15 - nº 80 - Outono de 1998

EXPEDIENTE

Direção Executiva
Alexandre Harkály

Conselho Editorial
Christiano Peterson Neto
Eduardo Mendoza
José Pedro Santiago

Luiz Carlos Quaresma Lemos
Mária J. A. Bertalot
Renê Piamonte

Editor de Arte
Antônio do Amaral Rocha

Editoração Eletrônica
Luarte Estúdio de Artes Gráficas S/C Ltda

Assinaturas e filiação à Associação
Brasileira de Agricultura Biodinâmica:
escreva ou telefone para
INSTITUTO BIODINÂMICO DE
DESENVOLVIMENTO RURAL
Caixa Postal, 321 - CEP 18603-970
Telefax (014) 822-5066
Fax (014) 822-3648

O Boletim do INSTITUTO BIODINÂMICO é
semestral, tem tiragem de 2000
exemplares, e é distribuído exclusivamente
à assinantes. Publicamos artigos técnicos
e estudos ligados à agricultura
biodinâmica e alternativa em geral.
Os artigos destinados à publicação serão
avaliados pelos editores.

A responsabilidade pelos conteúdos dos
textos cabe unicamente aos autores,
exceto a dos não assinados, que cabe aos
editores. A reprodução de matérias
depende de entendimentos prévios com os
respectivos autores. Matérias assinadas
pelos editores podem ser reproduzidas
somente com a menção dos autores.

História da Agricultura

Durante o 1º Curso Fundamental em Agricultura Biodinâmica realizado na Casa Somé em 1986, o Dr. Manfred Klett, ministrou uma palestra sobre a História da Agricultura. A partir dela percebemos a importância de resgatar o conhecimento e a sabedoria do passado e de conhecer a história espiritual da agricultura. A agricultura é parte da paisagem de uma região, e cada paisagem possui sua própria individualidade e espiritualidade, que vem sendo formadas ao longo dos anos junto com o desenvolvimento da humanidade, existindo uma íntima relação, moral e espiritual, entre uma determinada paisagem, entre as pessoas que habitam essa região e o País onde moram.

Quando o homem se estabelece num determinado local provoca uma certa destruição, um desequilíbrio das relações presentes no ecossistema natural, mas também tem construído paisagens inconfundíveis, guiado pelo espírito de seu povo, onde tudo existe pelo conjunto, pela integração. O homem tem transformado as paisagens ao longo do tempo desde a Pré-história. Naquela época o homem mantinha uma relação espiritual muito forte com o meio, estava perto de suas origens. Essa espiritualidade lhe permitia trabalhar junto com a natureza. Mais tarde surgiram os pastores, que domesticaram e criaram animais; posteriormente apareceram os plantadores e cultivadores, os jardineiros que cultivavam verduras e os cultivadores de árvores. Estas atividades ficaram próximas umas das outras, mas não se misturaram, estavam bem definidas, e assim ultrapassaram o umbral do Mistério do Gólgota e chegaram à Idade Média, época em que ocorreram mudanças na concepção espiritual do homem. O pensamento, que anteriormente era visto como algo externo e alheio à pessoa, passou a ser considerado como algo proveniente do interior de cada pessoa, o homem tomou consciência do Eu, percebeu que tinha consciência própria. A partir desse momento, as quatro linhas evolutivas se tornaram uma só e o homem conseguiu criar animais, cultivar a terra, produzir verduras e cuidar de árvores ao mesmo tempo, surgindo assim um tipo de unidade, o organismo agrícola, fruto do trabalho e da vontade do homem. Posteriormente,

o ser humano abandonou o organismo agrícola e emigrou para as cidades buscando novas atividades, abandonando a velha agricultura fraterna.

Com o desenvolvimento das ciências, surgiram tecnologias poupadoras de energia e dependentes de insumos que seriam aplicadas no campo, na agricultura moderna, que trouxe como consequência a desintegração do organismo agrícola, ao estimular a criação intensiva de animais, o cultivo extensivo de cereais, a produção de hortaliças e de grandes áreas com árvores frutíferas, a monocultura. Estas atividades acabaram com a rotação de culturas, o esterco dos animais já não era necessário porque surgiram os adubos químicos, o mato passou a ser combatido com herbicidas e as pragas das culturas, com inseticidas (ou agrotóxicos), a erosão e perda do solo aumentaram consideravelmente e os sistemas entraram em desequilíbrio.

A agricultura biodinâmica pretende reverter esse desequilíbrio, reestruturar o organismo agrícola e para isto é preciso assumir o compromisso de trabalhar com a natureza e isto pode ser feito unicamente mediante o reatuar da consciência do homem, do Eu íntegro, humilde e fraterno e desta forma poder realizar um trabalho conjunto e participativo, já que a biodinâmica integra ao produtor lá no campo com toda a sociedade.

O profundo sentido da agricultura biodinâmica foi captado por pessoas como o Dr. Klett e o senhor Martin Richter (Rip) que têm dedicado grande parte de sua vida ao desenvolvimento deste movimento, à pesquisa, ensino; a mostrar o conhecimento, a sabedoria e a humildade que estão implícitas no trabalho agrícola diário e na cooperação, no trabalhar juntos, no dar a mão ao companheiro quando necessário, na satisfação de produzir alimentos saudáveis, preservar o meio ambiente e contribuir ao bem-estar das futuras gerações.

Isto deve ser particularmente lembrado pois este ano será realizada a IIIª Conferência Brasileira de Agricultura Biodinâmica, e não devemos nos deixar levar apenas pela importância das técnicas conservacionistas e interesses econômicos em detrimento dos princípios tão profundos que regem esta forma de agricultura.

ANEXO 3 “FOLDER” FEIRA VERDE

CONHEÇA OS ALIMENTOS QUE

VOCÊ ESTÁ CONSUMINDO:

AGRICULTURA CONVENCIONAL

Práticas Utilizadas no Cultivo:

- Uso intensivo de produtos químicos sintéticos (adubos prontamente solúveis, agrotóxicos, hormônios, etc.)
- Cultivo no solo (meio físico/químico para o desenvolvimento das plantas).
- Degradação do solo
- Menor utilização de mão-de-obra
- Altos custos de produção
- Poluição e degradação do meio ambiente
- Intoxicação de produtores e consumidores
- Contaminação dos alimentos com produtos químicos

HIDROPONIA

Práticas Utilizadas no Cultivo:

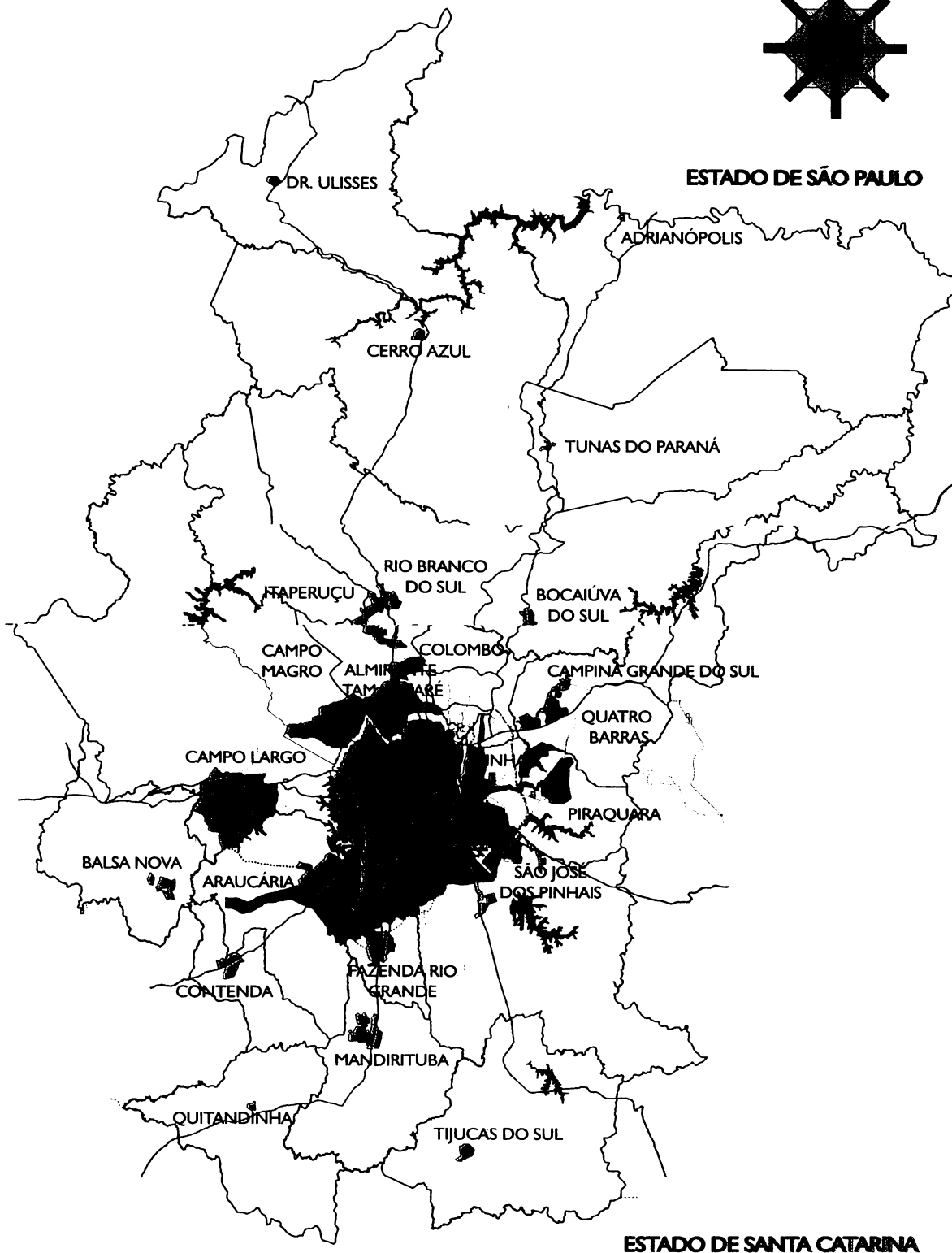
- Cultivo protegido(estufa)
- Ausência do solo- cultivo na água (adubação química)
- Uso intensivo de adubação química (adubos prontamente solúveis)
- Meio artificial de cultivo- rico em adubação nitrogenada
- Uso intensivo de agrotóxicos
- Menor utilização de mão-de-obra
- Contaminação dos alimentos com resíduos de adubações pesadas
- Poluição das águas pelos resíduos

AGRICULTURA ORGÂNICA

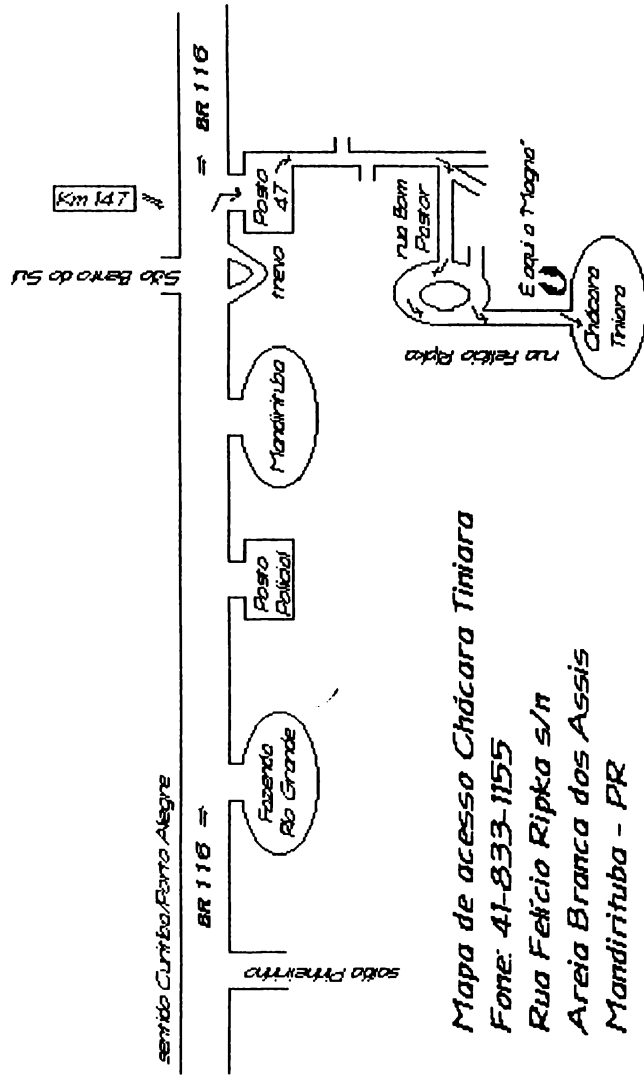
Práticas Utilizadas no Cultivo:

- Uso e reciclagem de materiais orgânicos; interação da produção animal e vegetal
- Solo: organismo vivo, complexo e dinâmico
- Uso de métodos alternativos para controle de pragas, doenças e ervas daninhas
- Manejo adequado do solo e da matéria orgânica
- Maior utilização de mão-de-obra
- Menores custos de produção(médio e longo prazo)
- Produção de alimentos de alta qualidade
- Equilíbrio na utilização dos recursos naturais/produção sustentável
- Melhor qualidade de vida para produtores e consumidores
- Preservação e Conservação do meio-ambiente

ANEXO 4 MAPA DA REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA

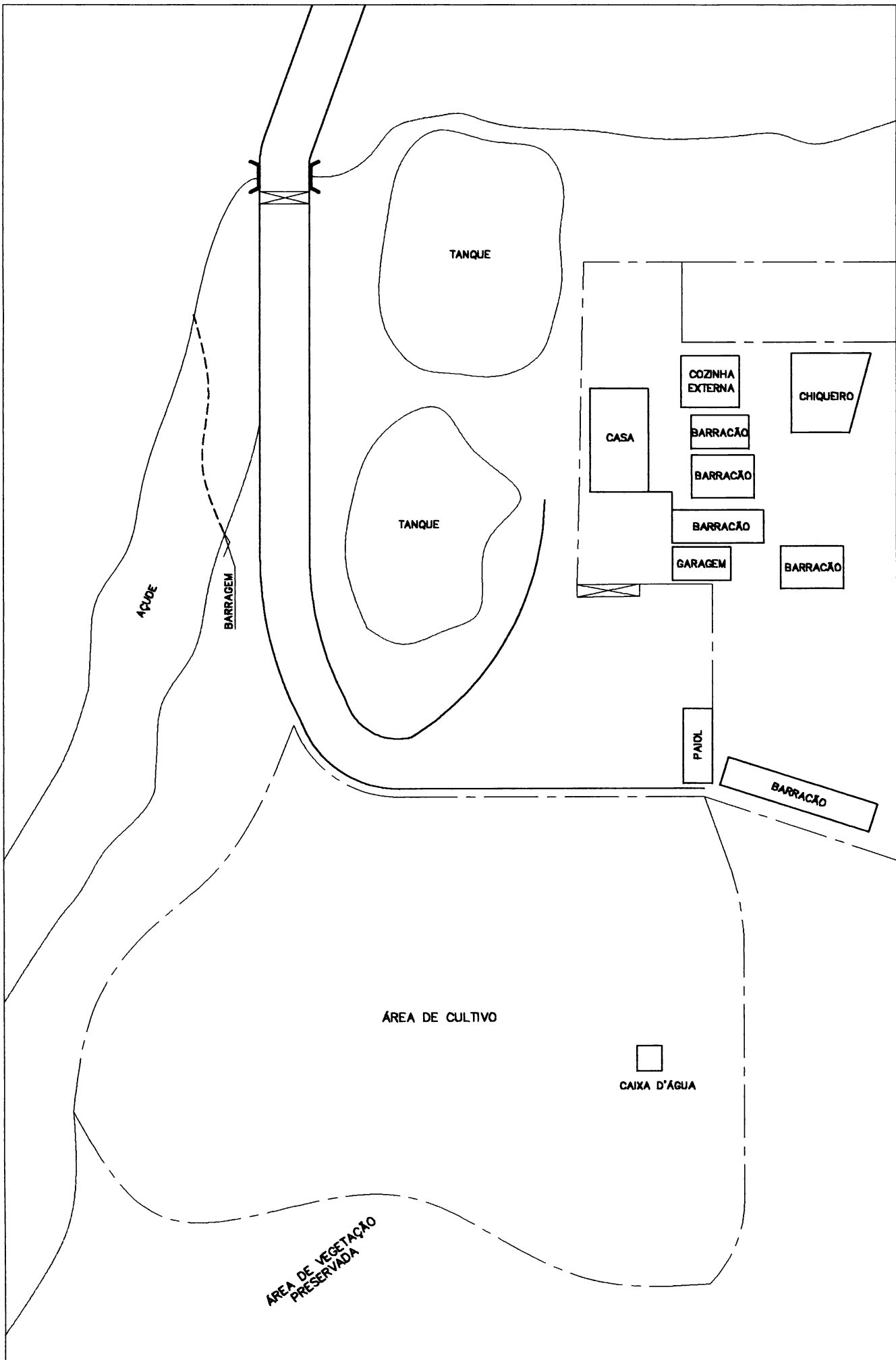


ANEXO 5 CROQUIS DE ACESSO À CHÁCARA



Mapa de acesso Chácara Timiara
Fone: 41-833-1155
Rua Felício Ripka s/n
Areia Branca dos Assis
Mandirituba - PR

ANEXO 6 "I AVOUI" DA CHÁCARA TINIARA



TANQUE

TANQUE

ACUDE

BARRAGEM

CASA

COZINHA EXTERNA

CHIQUEIRO

BARRACÃO

BARRACÃO

BARRACÃO

GARAGEM

BARRACÃO

PAULO

BARRACÃO

ÁREA DE CULTIVO

CAIXA D'ÁGUA

ÁREA DE VEGETAÇÃO PRESERVADA

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 **AGRICULTURA BIODINÂMICA.** Boletim do Instituto Biodinâmico de desenvolvimento Rural. Botucatu, Ano 15, n.80, 1998.
- 2 **ANDRADE, José Vicente de, Turismo fundamentos e dimensões.** 5. ed. São Paulo : Ática, 1998.
- 3 **ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. (org.) Turismo : segmentação de mercado.** São Paulo : Futura, 1999.
- 4 **BENI, Mário Carlos, Análise estrutural do turismo.** 2. ed. São Paulo : SENAC, 1998.
- 5 **BARRETO, Margarita. Planejamento e organização em turismo.** Campinas : Papirus, 1991.
- 6 **BOTE GÓMEZ, Venancio. Planificacion econômica del turismo: de una estrategia masiva a una estrategia artesanal.** México : Trillas, 1990.
- 7 **BRAVO, Renato. AGROTURISMO.** Textos, Brasília, 1998.
- 8 **CAVACO, Carminda. Turismo rural e desenvolvimento local.** In: RODRIGUES, Adyr A. B. (org.). **Turismo e geografia: Reflexões teóricas e enfoques regionais.** 2. ed. São Paulo : Hucitec, 1999, p. 94-121.
- 9 **CAMPANHOLA, Clayton; SILVA, José Graziano da. Panorama do turismo no espaço rural brasileiro: nova oportunidade para o pequeno agricultor.** In: OLIVEIRA, Cássio G. S.; et. al. **CONGRESSO BRASILEIRO DE TURISMO RURAL. Anais...** Piracicaba: FEALQ, 1999.
- 10 **DEFATO. Pioneiro do agroturismo em Brasília,** n, 71, p. 47-51, nov. 1998.
- 11 **DENCKER, Ada de Freitas M. Métodos e técnicas de pesquisa em turismo.** 2 ed. São Paulo : Futura, 1998.
- 12 **DOMINGUES, Celestino M. Dicionário técnico de turismo.** Lisboa Publicações Dom Quixote, 1990.
- 13 **EMBRATUR. Manual do turismo rural,** Brasília, 1994.

- 14 GIANGIORDANO, Andrea Claudia. Nuevas fronteras del turismo rural en Europa - El proyecto LEADER della comunidade Europea. **Turismo em análise**, São Paulo, ECA/USP, v. 8, n. 2, p. 21-33, nov. 1997.
- 15 GLOBO RURAL. **Pequena propriedade** – Lição de Pioneiro, n. 147, p. 30-34, jan. 1998
- 16 INSTITUTO BIODINÂMICO DE DESENVOLVIMENTO RURAL. 6. ed. Diretrizes, São Paulo, 1996..
- 17 INSTITUTO DE ESTUDIOS TURÍSTICOS. **Manual del planificador del turismo rural**, Madrid, 1994
- 18 JACOBSON, Alessandra de Linhares. Informática em turismo: Aplicabilidade na hotelaria rural. **Turismo em análise**, São Paulo, ECA/USP, v.9, n.1, p. 51-60, maio 1998.
- 19 JORNAL DO CIRCUITO ITALIANO DE TURISMO RURAL. Colombo, Paraná, fev. 1999.
- 20 MACHADO, Lúcio Antônio. Infra-estrutura em nível de propriedade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TURISMO RURAL. **Anais...** Piracicaba : FEALQ, 1999.
- 21 MORAES, Cláudia C. de Almeida. Turismo – segmentação de mercado: um estudo introdutório. In: Marília, G. R. Amaral (org.) **Turismo/segmentação de mercado**. São Paulo, Futura, 1999.
- 22 Metrópoles em revista. COMEC. Curitiba, Ano I n.1, dez. 1999.
- 23 NOVAES, Marlene Huebes. Turismo rural em Santa Catarina. **Turismo em análise**, São Paulo, ECA/USP, v. 5, n. 2, p. 43-50, nov. 1994.
- 24 _____. O desenvolvimento do turismo no espaço rural: considerações sobre o plano de Joinville-SC. In: ANSARAH, Marília G. R. (org.). **Turismo segmentação de mercado**. São Paulo : Futura, 1999, p. 139-153.
- 25 OLIVEIRA, Cássio G. S.; et. al. Turismo no espaço rural brasileiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TURISMO RURAL. **Anais...** Piracicaba : FEALQ, 1998.
- 26 _____. **CURSO**: – Projetos de turismo rural. Qualitec, ESALQ, Piracicaba: 1999.
- 27 _____. Panorama do turismo rural e sua história. In: **Curso de projetos de turismo rural**. Qualitec, Piracicaba : ESALQ, 1999.
- 28 PETROCCHI, Mário. **Turismo**: planejamento e gestão. São Paulo : Futura, 1998.

- 29 PIRES, Paulo dos Santos. **Ecoturismo**. Itajaí : Univali, 1998.
- 30 PORTUGUEZ, Anderson Pereira. **Agroturismo e desenvolvimento regional**. São Paulo : Hucitec, 1999.
- 31 RELATÓRIO AMBIENTAL DA REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA. COMEC, Curitiba, abr. 1997.
- 32 REVISTA DO TURISMO RURAL. Breeders Editora, São Paulo, Ano I, n.3 set./out.. 1999.
- 33 RUSCHMANN, Doris Van de Menne. **Turismo e Planejamento sustentável : a proteção do meio ambiente**, Campinas : Papirus, 1997.
- 34 SARTOR, Lourdes Fellini. **Turismo rural : uma alternativa de produção** , Porto Alegre : Escola Superior de Teologia, São Lourenço de Brindes, 1981.
- 35 SECRETARIA DE ESTADO DO ESPORTE E TURISMO. Guia de Hospedagem Alternativa, Paraná Turismo, Curitiba, 1999.
- 36 SCHRODER, Fernanda; HATSBACH, Hudson H.; NAVARRO, Maria F. **Projeto de implantação de uma pousada no município da Lapa**. Monografia de graduação do Curso de turismo, Curitiba, 1997. Universidade Federal do Paraná.
- 37 SILVA, Eduardo R.; SILVA, Ruth R. H. **Conservação de alimentos**. 4. ed. São Paulo : Scipione, 1996.
- 38 SOUZA, Carmélia A. A. **Ecoturismo e envolvimento comunitário**. Turismo : Tendências e debates, Ano II – n.2, Fac. de Turismo da Bahia, Salvador : 1999.
- 39 TULIK, Olga. Do conceito às estratégias para o desenvolvimento do turismo rural. In: RODRIGUES, Adyr A. B. (org.) **Turismo e desenvolvimento local**. São Paulo : Hucitec, 1997, p. 136-143.
- 40 TURISMO RURAL – **Uma alternativa autosustentável**. II Congresso de Turismo Rural do Mercosul, ABRATURR, Lages, 1997.
- 41 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Biblioteca Central. **Normas para apresentação de trabalho**. 6. ed. Curitiba, ed. da UFPR, v. 2, 6 e 8, 1996.
- 42 ZIMMERMANN, Adonis. **Turismo rural**. SECRETARIA ESPECIAL DO ESPORTE E TURISMO – Paraná, 1994.